

## NOSSOS MESTRES

# Transformação no campo

Diretora promoveu uma revolução em escola na área rural de Sobradinho, onde 200 alunos têm acesso a educação integral: com alimentação de qualidade, espaço físico adequado e brincadeiras!

» MARIANA NIEDERAUER

O afeto transborda das paredes e das relações na Escola Córrego do Arrozal. Localizada em área rural de Sobradinho, perto da divisa com Planaltina, em uma região marcada por extrema vulnerabilidade social, a instituição de ensino pública se tornou referência para crianças que iniciam a trajetória no ensino fundamental. Com o suporte de uma equipe dedicada — das áreas pedagógica, de merenda e de manutenção —, a professora Anete Cardoso, 49 anos, fez uma revolução nos últimos dois anos.

Anete, que atua na Secretaria de Educação há mais de 30 anos, assumiu, após a pandemia, o desafio de retomar as atividades presenciais com alunos adoecidos pelo período de isolamento social e com uma estrutura física defasada. O lixo se acumulava no quintal, o parquinho tinha a maior parte dos brinquedos quebrados e as salas de aula e os banheiros precisavam de manutenção urgente.

Ela começou, em 2022, à frente da direção, o processo de transformação da escola. Pesquisou em quais programas do governo local e federal poderia inscrever o colégio para receber verbas que contemplassem todas as mudanças necessárias e foi atrás de parlamentares para apresentar a proposta pedagógica e as carências dos estudantes, sensibilizando distritais a destinar emendas para reformas estruturais.

Hoje, o cenário é bem diferente. Os 200 alunos atendidos — 100 deles em período integral — têm aulas em salas equipadas e espaços de brincadeira e de desenvolvimentos renovados. O pedido de um dos alunos, assim que ela assumiu a direção, sensibilizou Anete. Ele a levou

Mariana Niederauer/CB/D.A. Press



Anete Cardoso na nova biblioteca: educação antirracista é um dos pilares do projeto pedagógico

ao quintal cheio de lixo e pediu que ali houvesse um espaço para que brincassem. Agora, um parquinho de madeira e uma horta, cultivada em parceria com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater-DF), florescem no local.

“Mas não eram só melhorias no prédio. Precisávamos também de melhorias nas relações humanas, nas relações com as crianças”, destaca Anete. “Elas estavam ainda muito adoecidas, sedentas de uma vida nova,

porque têm poucas oportunidades. São crianças que estão acampadas, que têm privação de água, de alimentação”, completa.

Ela, então, reuniu os professores e definiu os pilares que guiaram o projeto pedagógico da escola: uma educação em tempo integral, antirracista e em direitos humanos. “Aqui, nossa comunidade tem um pilar quilombola e negro, mas, ao mesmo tempo, tem muito preconceito, além de racismo religioso”, explica a diretora. “Essa era uma questão a ser

discutida diariamente, para termos a oportunidade cultural de conhecer a nossa ancestralidade.”

O brincar também passou a ser mais presente na rotina da escola, como forma de contribuir para o desenvolvimento das crianças e ajudar a reduzir a agressividade que apresentavam no retorno às aulas. “Nessa volta, as crianças estavam muito agressivas, não estavam conseguindo conviver, até porque passaram muito tempo sem se relacionar com outras pessoas”, detalha

Anete, que inclui no calendário também atividades como capoeira, maculelê e circo.

“Nossa escola é um espaço em que a criança pode vivenciar várias experiências e levar tudo o que aprende para a vida. Por isso, afirmamos que toda escola é o centro de uma comunidade: ela une o ser, o estar, o brincar, o cuidar, o comer, o expressar... Tudo de forma coletiva e, ao mesmo tempo, valorizando a individualidade dos pequenos”, ressalta.